

**As marcas da Hanseníase em Goiás: Percepções
acerca do trabalho religioso e social de
Monsenhor Rodolfo Tellmann no leprosário
Colônia Santa Marta**

**The Brands of Leprosy in Goiás: Perceptions about the religious
and social work of Monsignor Rodolfo Tellmann at leprosarium
Colônia Santa Marta**

*Ricardo Antonio Gonçalves Teixeira*¹

*João Justino de Medeiros Silva*²

*Rayane Cavalcanti Teixeira*³

*Samuel Pinto*⁴

¹ Doutor em Educação pela Universidade Federal de Goiás. Professor do Programa de Pós-graduação em Educação. E-mail: professorricardoteixeira@ufg.br
ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-1603-2088>.

² Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. Arcebispo de Goiânia. E-mail: domjoajustino@arquiocesedegoiania.org.br
ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-9855-7332>.

³ Graduanda em Medicina pela Universidade Federal de Mato Grosso. Participante do grupo de estudos e pesquisa sobre as marcas da hanseníase em Goiás. E-mail: rayanecavalcantit@gmail.com
ORCID: <http://orcid.org/0009-0001-6523-3812>

⁴ Graduando em Medicina pela Universidade Federal de Mato Grosso. Participante do grupo de estudos e pesquisa sobre as marcas da hanseníase em Goiás. E-mail: samuelp2020@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-9134-4050>.

RESUMO

A hanseníase, historicamente conhecida como lepra, é uma das mais antigas doenças da humanidade, com registros em diversas partes do mundo. A Sociedade Brasileira de Dermatologia classifica-a como uma doença negligenciada, destacando a necessidade de maior atenção, recursos e educação sobre suas causas e efeitos. No Brasil, a estratégia de combate à hanseníase envolveu isolamento, segregação e exclusão social dos doentes e seus descendentes, práticas eugênicas destinadas a conter a enfermidade. Essas políticas sanitárias geraram um estigma social profundo e duradouro. No leprosário Colônia Santa Marta, fundado em 1943, religiosos e religiosas desempenharam papéis cruciais além de suas funções espirituais, atuando em áreas como enfermagem, educação e treinamento profissional. O presente artigo busca compreender o reconhecimento de Monsenhor Rodolfo Tellmann pelos remanescentes da Colônia Santa Marta e pelos religiosos da Igreja Católica por seu trabalho com pessoas afetadas pela hanseníase. A pesquisa, de abordagem qualitativa, que incluiu documentos históricos e narrativas orais, revelou que Tellmann teve um papel essencial na promoção de uma abordagem humanizada, proporcionando motivação, capacitação profissional, esperança e melhor qualidade de vida aos hansenianos.

PALAVRAS-CHAVE: hanseníase; internação compulsória; leprosário Colônia Santa Marta; Monsenhor Rodolfo Tellmann.

ABSTRACT

Leprosy, historically known as Hansen's disease, is one of humanity's oldest illnesses, with records in various parts of the world. The Brazilian Society of Dermatology classifies it as a neglected disease, highlighting the need for increased attention, resources, and education about its causes and effects. In Brazil, the strategy to combat leprosy involved the isolation, segregation, and social exclusion of patients and their descendants, eugenic practices aimed at containing the disease. These sanitary policies generated a deep and lasting social stigma. At the Colônia Santa Marta leprosarium, founded in 1943, religious men and women played crucial roles beyond their spiritual duties, working in areas such as nursing, education, and vocational training. This article aims to understand the recognition of Monsignor Rodolfo Tellmann by the survivors of the Colônia Santa Marta and the Catholic Church's religious members for his work with people affected by leprosy. The research, which adopted a qualitative approach and included historical documents and oral narratives, revealed that Tellmann played an essential role in promoting a humanized approach, providing motivation, professional training, hope, and an improved quality of life for those with leprosy.

KEYWORDS: leprosy; leperosarium; compulsory hospitalization; Colônia Santa Marta; Monsignor Rodolfo Tellmann.

Introdução

A hanseníase, historicamente conhecida como Lepra⁵, uma das doenças humanitárias mais antigas que se tem notícia em todo o mundo, é caracterizada pela Sociedade Brasileira de Dermatologia como doença negligenciada⁶. Causada pela bactéria *Mycobacterium leprae*, afeta principalmente a população mais pobre, de baixa renda (MONTEIRO *et al*, 2017). Trata-se de uma doença milenar marcada por tabus e estigmas que perpassam, além da saúde, por questões de ordem religiosas, econômicas, sociais e políticas.

No Brasil, a estratégia política, ratificada por parte da comunidade médica, adotada para o combate à hanseníase se deu pelo isolamento, segregação e abandono social dos acometidos pela doença e seus/as filhos/as⁷ como prática eugênica de contenção e tentativa de controle da doença, elencada como medida profilática, implementada na década de 1920 e ampliada a partir de 1935 (SILVA; TEIXEIRA, 2019a). Com a criação, em 1935, do Departamento de Profilaxia da Lepra visando uma política sanitária, a partir de 1936 foram construídos 40 leprosários em território brasileiro que seguiam modelos asilares, as denominadas Colônias (COELHO; ROTTA, 2013). Nesse ínterim,

⁵ Embora o termo "lepra" tenha sido historicamente utilizado no Brasil, ao longo do tempo, ele começou a ser substituído pelo termo "hanseníase". Essa mudança visa suavizar as marcas históricas associadas à doença, além de combater o preconceito e a discriminação. A alteração oficial na nomenclatura da doença foi estabelecida em 1976. Posteriormente, em 1995, a Lei n. 9.010 foi promulgada, adotando oficialmente o termo "hanseníase" e suas variações para uso oficial.

⁶ Ministério da Saúde. "Conhecer para não discriminar": Dia Nacional de Combate e Prevenção da Hanseníase e Dia Mundial Contra a Hanseníase. Disponível em: <[https://bvsmms.saude.gov.br/conhecer-para-nao-discriminar-dia-nacional-de-combate-e-prevencao-da-hansenia-e-dia-mundial-contra-a-hansenia/](https://bvsmms.saude.gov.br/conhecer-para-nao-discriminar-dia-nacional-de-combate-e-prevencao-da-hansenia-e-dia-mundial-contra-a-hansenia)>. Acesso em 25 jan. 2024.

⁷ Embora sadios/as, os/as filhos/as de pais hansenianos, em geral, eram segregados/as em instituições, denominadas de preventórios, sob o discurso do acolhimento pelo Estado para serem rigorosamente vigiados pelo aparato oficial do governo.

deu-se início a construção do leprosário Colônia Santa Marta, em Goiânia, lócus de nossa investigação.

A abordagem adotada pelo Governo Federal, por intermédio do Ministério da Educação e Saúde Pública⁸, baseava-se na disseminação de um temor social em relação à doença, enfatizando os riscos iminentes de sua propagação entre famílias saudáveis. Paralelamente, promovia-se a oferta de um espaço dedicado ao tratamento da doença. Dessa maneira, através de extensas campanhas oficiais, os profissionais de saúde começaram a contar com a colaboração de uma vasta parcela da população que denunciava indivíduos “suspeitos” de portarem a doença, baseando-se nas características divulgadas por diversos meios de comunicação. Com as denúncias em mãos, os profissionais de saúde encaminhavam os suspeitos para centros especializados em diagnóstico (conhecidos como dispensários). Se confirmada a doença, os indivíduos eram imediatamente levados para internação compulsória em leprosários ou colônias (SILVA; TEIXEIRA, 2019b).

O isolamento se constituía no aparto social, no abandono imediato da família e, em grande parte, definitivo da convivência com o mundo externo aos limites do leprosário, por se tratar de uma doença, compreendida à época, altamente contagiosa e incurável. Importante destacar que, mesmo com cerca de sete décadas de práticas de isolamento compulsório, reconhecidamente como abusivas⁹, ainda hoje, o Brasil, de acordo com o Ministério da Saúde (MS)¹⁰,

⁸ A lepra foi eleita como prioridade no campo da saúde pública na Era Vargas, tendo como figura central o ministro da Educação e Saúde Pública, Gustavo Capanema (período de 1934 a 1945).

⁹ Em 2007, o presidente Lula implementa a Medida Provisória (MP) nº 373, em 24 de maio de 2007, reconhecendo o isolamento como prática abusiva do Estado, destinando pensão permanente aos isolados compulsoriamente em função da hanseníase, com reparação histórica. No mesmo ano é promulgada a Lei n.11.520, de 18 de setembro de 2007, como ratificação da MP. Em novembro de 2023, o mesmo presidente, agora em seu terceiro mandato, sancionou a Lei n. 3.023/2022, que garante a pensão vitalícia aos filhos de hansenianos.

¹⁰ Ministério da Saúde. Hanseníase. Sítio institucional. Disponível em:

ocupa a segunda colocação mundial em número de casos de hanseníase, ficando atrás apenas da Índia (JESUS, 2023; PEGAIANI, 2023).

A internação compulsória, de acordo com Monteiro (1995, p. 283), refletia “[...] a interrupção brusca com a vida anterior e obrigava a pessoa a conviver dentro de uma cidade cercada, habitada pela doença, onde, ao lado da ruptura com os usos cotidianos, era imposta uma nova rotina de vida, deliberada por outros” (MONTEIRO, 1995, p. 283). O isolamento social das pessoas acometidas pela hanseníase causava, nos doentes, sentimentos de angústia, dor e sofrimento. Por serem consideradas pessoas de alto risco de contaminação e socialmente indesejáveis, o medo do contato afastava a perspectiva da presença de profissionais da saúde para exercer o papel dos cuidados diários decorrentes da doença ou outros como atenção psicossocial.

A religiosidade no interior das colônias de hansenianos se apresentava como uma perspectiva, caminho ou mesmo uma fuga do sofrimento físico, mental e espiritual. O caminho da fé se traduzia também pela compreensão de significados, além de se apresentar como estratégia de enfrentamento ao doloroso processo de adoecimento e morte (GOMES, 2014).

A partir de estudos acerca da religiosidade de pacientes de hanseníase internados compulsoriamente em asilos em São Paulo, Mellagi e Monteiro (2009), expõem relações religiosas frequentes nos internos, dentre as quais, os que mantiveram as convicções, sejam elas religiosas ou não, em período anterior ao diagnóstico de hanseníase, outros, porém, que passaram a ter contato com alguma doutrina religiosa dentro do espaço de tratamento/isolamento.

Medeiros, Serres e Ribeiro (2020) reforçam a perspectiva de Mellagi e

<[Cadernos de Pesquisa do CDHIS | Uberlândia | vol. 37 n.1 | jan./jun. 2024](https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/h/hansenia#:~:text=O%20Brasil%20ocupa%20a%202%C2%AA,notifica%C3%A7%C3%A3o%20compuls%C3%B3ria%20e%20investiga%C3%A7%C3%A3o%20obrigat%C3%B3ria.>”. Acesso em: 29 de janeiro de 2024.</p></div><div data-bbox=)

Monteiro (1990), ao reconhecer que, historicamente, a Igreja Católica tenha exercido um importante papel no cuidado das pessoas acometidos pela hanseníase.

Na Colônia Santa Marta, situada em Goiânia-GO, religiosos e religiosas, para além da perspectiva espiritual admitida no processo de readaptação dos sujeitos àquela nova realidade, passaram a assumir desde a constituição do espaço, em 1943, funções de enfermagem, educação, formação para atividades laborais, dentre outras (SILVA, 2003; SILVA; TEIXEIRA, 2019b).

O presente artigo traz o contexto da institucionalização dos hansenianos internados compulsoriamente no leprosário Colônia Santa Marta, parte integrante do projeto inovador da capital goiana em construção, elegendo como sujeito de estudo a figura de um religioso conhecido pelos ex-internos daquele espaço como “Pai dos Leprosos”.

A referida instituição, assim como as demais colônias de hansenianos do Brasil, se apresenta como espaço de tratamento dos doentes, sendo o isolamento dos entes familiares e da sociedade constituídos como elemento comum entre os internos. Mas é possível também considerarmos o espaço de tratamento como um ambiente de convivência entre os doentes, de partilha e de relações, sendo muitas delas afetivas. A memória coletiva, como bem expõe Maurice Halbwachs (2004), se apresenta como uma possibilidade de compreender as experiências vividas e compartilhadas como um marco de memória.

Durante a condução de um estudo sobre uma unidade educacional localizada na Colônia Santa Marta, estabelecemos numerosos contatos, realizamos diálogos e observações. Paralelamente ao foco principal de nossa pesquisa, notamos a relevância atribuída por nossos interlocutores a uma figura religiosa. Apesar de ter falecido na década de 1990, essa personalidade era envolta em grande respeito, afeto e consideração por parte daqueles que conviveram naquele espaço de isolamento.

Foi, pois, a partir desse contato que passamos a nos interessar pela realização de uma nova pesquisa, cujo objetivo central da investigação foi compreender o valor reconhecido a Rodolfo Tellmann tanto pelos sobreviventes da internação compulsória na Colônia Santa Marta quanto pelos membros religiosos afiliados à Igreja Católica, em relação ao trabalho realizado junto aos indivíduos afetados pela hanseníase. Para tanto, nos propomos, enquanto metodologia de estudo, realizar uma pesquisa de natureza qualitativa, elegendo, além de bases documentais, a oralidade como fonte de história e memória.

Na perspectiva de Rousso (2000, p. 94), a memória se apresenta como

[...] uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional.

Destacamos para este estudo, a compreensão de memória na perspectiva de Halbwachs (1990), no sentido de se constituir como um fenômeno coletivo, vivida e processada pelo indivíduo a partir de suas relações e experiências com o meio, e em constante e contínua mudança, de forma passiva e afetiva, em face às perspectivas e condições presentes.

Para compreendermos a importância atribuída ao missionário, nos valem, enquanto procedimento de coleta de dados, de entrevistas, em formato de diálogos em profundidade, com seis ex-internos da Colônia Santa Marta (um com ingresso na década de 1950, dois na década de 1960, e três na década de 1970, sendo que todos permaneceram lá até o fim do período de internação compulsória, que se deu em meados da década de 1980), e três religiosos ligados à Igreja Católica (um arcebispo emérito e um padre, ambos ligados à Arquidiocese de Goiânia, além de uma irmã da congregação Filhas da

Caridade de Goiânia), elegendo como critério de seleção a ampla vivência com Rodolfo Tellmann.

Destacamos que, embora tenha sido dada a opção pela não identificação como garantia do anonimato dos/as entrevistados/as, todos/as foram incisivos em manifestar o interesse da presença do nome nas divulgações dos resultados da pesquisa.

Chegada de Rodolfo Tellmann à Colônia Santa Marta

Rudolf Tellmann, conhecido no Brasil como Rodolfo, foi o missionário designado pela Igreja Católica para liderar a missão de evangelização na Colônia Santa Marta, desde a sua fundação em 1943 até o seu falecimento, em 1999. Filho de Rudolf Tellmann e Katarina Bongarz Tellman, nasceu em 1905, na cidade de Colônia (Köln), Alemanha, e graduou-se em Direito Canônico na Suíça. Antes de sua chegada ao Brasil, desempenhou a função de padre na Capela das Filhas da Caridade, onde serviu como capelão das irmãs vicentinas por um período (CURIA METROPOLITANA DE GOIÂNIA,1983).

Em sua trajetória de mudança para o Brasil, conforme disposto na primeira linha da Figura 1, Rodolfo, já ordenado Padre (Pfarrer), partiu de Brémen (Abfahrstshafen), na Alemanha, aos 29 anos (Alter), em 10 de setembro de 1934 (Datum der Abfahrt), desembarcando no Rio de Janeiro (Ankunftshafen), com destino a Diocese de Uruguaiana, no Rio Grande do Sul.

Figura 1. Lista dos passageiros

Schiff:		Datum der Abfahrt: 10 September 1934		Archiv Ident.Nr.: AIII15-10.09.1934_N									
Kapitän:		Abfahrtschafen: Bremen											
Unternehmer: Nordd. Lloyd, Bremen		Ankunftshafen: Rio de Janeiro, Brasilien											
Reiseklasse	Nr.	Name	Vorname(n)	Geschl.	Alter	Fam. Stand	Bisheriger Wohnort	Staatsangehörigkeit	Staat oder Provinz	Beruf	Ziel der Reise	US-Staat	Bemerkungen
Mittelklasse	1	Tellmann	Rudolf	m	29	led	Köln	Deutsch	Rheinprovinz	Pfarrer	Südbrasilien		
Mittelklasse	2	Schmidt	Ida	w	38	led	Wiesbaden	Deutsch	Baden		Südbrasilien		
Mittelklasse	3	Mayer	Mar. Magd.	w	34	led	Au	Deutsch	Bayern	Ordensschwester	Südbrasilien		
Mittelklasse	4	Hadersdorfer	Berta	w	27	led	Au	Deutsch	Bayern	Ordensschwester	Südbrasilien		
Mittelklasse	5	Greiner	Boindina	w	23	led	Au	Deutsch	Bayern	Ordensschwester	Südbrasilien		
Mittelklasse	6	Seidl	Adelinde	w	25	led	Au	Deutsch	Bayern	Ordensschwester	Südbrasilien		
Mittelklasse	7	Warislohner	Isidora	w	34	led	Au	Deutsch	Bayern	Ordensschwester	Südbrasilien		
Mittelklasse	8	Klaiber	Sigisberta	w	21	led	Au	Deutsch	Bayern	Ordensschwester	Südbrasilien		
Mittelklasse	9	Keil	Bermude	w	22	led	Au	Deutsch	Bayern	Ordensschwester	Südbrasilien		
Mittelklasse	10	Schneider	Elekta	w	35	led	Au	Deutsch	Bayern	Ordensschwester	Südbrasilien		
Mittelklasse	11	Hess	Aurilia	w	31	led	Au	Deutsch	Bayern	Ordensschwester	Südbrasilien		
Mittelklasse	12	Puttkamer, von	Elsbeth	w	66	verh	Lindow	Deutsch	Mark		Südbrasilien		
Mittelklasse	13	Schönburg	Hans	m	31	verh	Berlin	Deutsch	Brandenburg	Kaufmann, angest.	Südbrasilien		
Mittelklasse	14	Schönburg	Olga	w	29	verh	Berlin	Deutsch	Brandenburg		Südbrasilien		
Ill. Klasse	1	Lange	Rudolf	m	33	verh	Leipzig-Schoenfeld	Deutsch	Sachsen	Kraftfahrer	Südbrasilien		

Itens da figura, na ordem: Reisekasse (classe de viagem); Nr. (número); Vorname(n) (nome); Geschl - sigla Geschlecht (Gênero); Alter (idade); Fam. Stand – sigla de Familienstand (estado civil); Bisheriger Wohnort (local anterior de residência); Staatsangehörigkeit (nacionalidade); Staat oder Provinz (estado ou província); Beruf (profissão); Ziel der Reise (destino da jornada); US-Staat (Estado dos EUA); Bemerkungen (observações).

Fonte: Câmara de Comércio de Bremen. Identificação do arquivo: AIII15-10.09.1934_N.¹¹

Em 1937 foi transferido para Vitória, capital do Espírito Santo (ES), onde atuou em missão no leprosário de Itanhenga, em Cariacica - ES¹². Segundo expõe Pe. Alaor Rodrigues de Aguiar (CURIA METROPOLITANA DE GOIÂNIA, 1983, p. 2), Rodolfo Tellmann, devido à sua origem alemã e ao contexto da II Guerra Mundial, na qual o Brasil se encontrava em conflito com a Alemanha, foi detido em 1943 pela polícia capixaba¹³. Segundo narra, “[...] sua liberdade [foi] restaurada por nada menos que o próprio Interventor do Estado na época, Cel. João Punaro Bley que, em pessoa, foi à Chefatura de Polícia e de

¹¹ Disponível em: < <https://www.passagierlisten.de/>>. Acesso em 02 fev 2024.

¹² O espaço foi desativado, sendo parte transformado do terreno transformado no hospital Pedro Fontes e a outra deu lugar a pequenos bairros em que residem alguns remanescentes da hanseníase e familiares.

¹³ Nome dado aos moradores do Espírito Santo.

lá saiu em companhia do Padre”.

De acordo com Dom Antônio Ribeiro de Oliveira, Arcebispo Emérito de Goiânia, em entrevista¹⁴, o então Arcebispo de Goiás¹⁵, Dom Emmanuel, capixaba, foi passar um período de férias em Anchieta, em 1943, quando encontrou com o bispo de Vitória e soube da presença de um padre alemão que desenvolvia um importante trabalho junto à comunidade de hansenianos daquele Estado. Na conversa, falou da necessidade de um representante da Igreja Católica para o desenvolvimento de um trabalho de assistência religiosa em um leprosário, inaugurado em abril daquele ano. Em concordância com Rodolfo Tellmann e autorização do bispo, ele foi imediatamente transferido para Goiânia onde deu início, em junho, aos trabalhos na Colônia Santa Marta.

No ano seguinte, em 1944, Rodolfo Tellmann construiu uma pequena capela de palha de coqueiro para realização dos cultos.

É provisória, feita de pau à pique e de cobertura de capim. É que a pressa do padre Rodolfo Tellmann fez questão de inaugurar, imediatamente, ali, o serviço religioso, antes mesmo que fosse edificada a igreja definitiva. Talvez dizendo que para o intercâmbio do homem com Deus não se exigem aparatos. E, mesmo tosca, a capela existente vem satisfazendo plenamente as suas piedosas finalidades, congregando os crentes diariamente, sob um ideal reconfortador de vida extraterrena (REVISTA OESTE, 1944, p. 556).

Dois anos depois, com a colaboração dos próprios hansenianos internados, deu início à construção da Igreja Santa Marta, cuja conclusão se deu no ano de 1950 (Figura 2).

¹⁴ Entrevista realizada em dezembro de 2016.

¹⁵ Importante destacar que a Arquidiocese de Goiânia só foi criada em 1956, momento em que extinguiu a Arquidiocese de Goiás.



Figura 2. Padre Rodolfo e autoridades na inauguração da Igreja Santa Marta

Fonte: Acervo da pesquisa

Importante destacar que a Colônia Santa Marta foi construída para receber em seu espaço pessoas acometidas por uma enfermidade infectocontagiosa que naquele momento era considerada incurável, daí porque, além do espaço médico-hospitalar deveria conter, em seu interior, uma estrutura para moradia e trabalho, visto que essas pessoas passariam a viver naquele espaço por tempo indeterminado. Se tratava de uma pequena cidade, com prefeitura, delegacia, rancho, roça para plantio, clube de recreação, escola e outras, todas conduzidas pelos próprios hansenianos.

O espaço destinado à Colônia Santa Marta, 73 alqueires goianos¹⁶, obedecia a uma divisão em áreas ou zonas, sendo elas: A, B e C. A zona A era

¹⁶ O alqueiro goiano ou mineiro, é o dobro do alqueire paulista, ou seja, 48.400m². Diferentemente de que muitos afirmam, o terreno (antiga fazenda Retiro) não foi doada por um fazendeiro cuja história remonta ser um portador da doença, mas adquirida pelo estado de Goiás, em de 1935, conforme consta lavrado no livro n. 6, fls 59-63, no Cartório 2º ofício de Goiânia. Em termos exatos, a área adquirida foi de 73 alqueires e 80 litros, vendida ao preço de R\$ 40:000\$000 (40 contos de réis), cujas divisas se encontram detalhadas no documento.

compreendida como zona limpa ou sadia, onde se localizava a parte administrativa da Colônia, bem como local de moradia de médicos e das Irmãs Vicentinas. A zona B era a intermediária, onde se localizava os espaços de observação médica e exames. A zona C era a de risco, a denominada zona doente, contaminada, onde moravam os hansenianos e o cônego Rodolfo Tellmann¹⁷.

Para garantir o apoio da população ao modelo segregacionista de combate à hanseníase, e para que o discurso eugênico-higienista ganhasse prevalência, era essencial que os agentes políticos incutissem na sociedade um sentimento de humanitarismo. Eles precisavam destacar a importância da missão, a excelência dos serviços oferecidos nos leprosários e a ideia de que esses locais eram espaços privilegiados para a promoção da saúde.

O leprosário [Colônia Santa Marta] vai ser uma cidade moderna, catita, assejada, com os necessários requisitos de higiene e de conforto. Nela os reclusos se sentirão perfeitamente bem e amparados, rodeados de pomares e jardins, que amenizarão seus sofrimentos e desgostos. É uma obra que empolga especialmente àqueles que se interessam pela eugenia, pelo combate à lepra, pela realização da verdadeira solidariedade humana e social e aplaudem calorosamente iniciativas desse vulto como obras que imortalizam seus autores [CORREIO OFICIAL, 1939, s/p].

A Colônia Santa-Marta é um atestado eloquente da obra de alta benemerência que os Governos Federal e Estadual vêm realizando pelo estado sanitário de nosso povo. Os mais modernos métodos de tratamento de lázaros são aí introduzidos, confirmando, a um tempo, o duplo valor da criação de leprosários bem organizados — a diminuição de possibilidades de contaminação do mal, pelo segregamento dos atacados do meio social, e a humanização dos processos de que se lança mão para se conseguir objetivo tão recomendável e filantrópico (REVISTA OESTE, 1944, p. 557).

¹⁷ Alguns entrevistados dizem que o cônego não aceitava a divisão e preferiu morar com os hansenianos, contrariando as recomendações daquela época.

A realidade, no entanto, era distante do discurso. Os relatos colhidos mostram um mundo oposto ao preconizado nas propagandas de governo.

Pe. Alaor

É tão duro, é tão duro a gente perceber, que se fazia um tratamento do leproso, um cuidar do leproso, não é por caridade ao leproso, mas para tirar do leproso a possibilidade de ele contagiar a nós, que somos “puros”.

Seu Ludovino

A discriminação era maior do que você podia pensar. Era uma discriminação que não tinha... Era um sofrimento muito grande, para não falar outras besteiras. O sofrimento era grande. A gente, às vezes, chorava à noite, chorava nas escondidas. Naquele tempo era muita dor, muito sofrimento.

Dona Dorcelina

Aqui éramos nós hansenianos é quem curava o outro paciente. Mal se enxergava um médico passar por aqui, ou um enfermeiro de saúde. Éramos nós. Aí, cada um curava, o mais forte curava o mais fraco. [...] Então, a gente sofreu bastante humilhação aqui, muita! Para uns às vezes não significa nada, mas pra muitos, significa muita coisa...Não foi fácil.

Dona Ana Cândida

E a gente sentia preso demais, sabe? Preso mesmo, igual se tivesse numa cadeia lá fora, talvez até pior. [...] A vida nossa aqui não foi boa não, foi muito ruim mesmo.

O trabalho de Monsenhor Rodolfo Tellmann junto aos hansenianos da Colônia Santa Marta

Rodolfo Tellmann foi um missionário designado pela então Arquidiocese de Goiás a atuar em uma missão na recém-criada Colônia Santa Marta, em 1943, assumindo a função de capelão, ou seja, de assistência espiritual/religiosa aos internos do leprosário. Como diocesano, ligado à diocese da Alemanha, após

dez anos de missão religiosa em Goiânia, conforme preconiza o Direito Canônico, foi incardinado na Arquidiocese de Goiás e, a partir de 1957, na Arquidiocese de Goiânia.

Para além do trabalho no campo espiritual como missas, confissões, atendimento aos enfermos, exéquias e todo o aspecto religioso, Rodolfo Tellmann, por possuir habilidades artísticas e conhecimentos no campo da construção civil, conduziu variadas ações no sentido de foco na melhoria da qualidade de vida no local.

Além de erguer a igreja e fabricar grande parte dos móveis e itens religiosos ainda presentes na Igreja Santa Marta, ele foi o responsável pela edificação de uma miniusina, que proporcionou energia elétrica aos residentes. Idealizou e implementou um sistema de fornecimento de água encanada, construiu uma sapataria especializada na produção de calçados adaptados às necessidades dos pacientes, e liderou a construção de moradias para casais¹⁸ que, até então, viviam separados em pavilhões distintos. Também estabeleceu oficinas, oferecendo formação em trabalhos com metal e madeira. No âmbito esportivo e cultural, promoveu a fundação de um grupo de foliões para a Festa de Santo Reis, conhecido como Magos do Oriente, que permanece ativo e engajado, além de construir um campo de futebol onde organizava campeonatos.

¹⁸ Desde 2008, a construção de uma cerca que delimitou o hospital das áreas residenciais dos ex-internos da Colônia Santa Marta marcou uma divisão clara entre os espaços. O agrupamento de casas, juntamente com a igreja, o clube, a escola, e outros espaços construídos por Rodolfo Tellmann, passou a ser conhecido como Vila Santa Marta. Este local, negligenciado pelo poder público, abriga moradores que não possuem documentos de propriedade dos imóveis nos quais residem desde o tempo em que foram submetidos à internação compulsória.

Figura 3. Equipes de Futebol da Colônia Santa Marta, com Pe. Rodolfo Tellmann ao centro



Fonte: Acervo da pesquisa

Dom Antônio

Ele teve uma coisa muito bonita, ele ensinava os jovens a trabalhar. Trabalhava com as próprias mãos, sobretudo na arte de trabalhar com metal. Eles faziam altar, cruzes, suportes de Círios Pascais, os grandes castiçais.

Seu Ludovino

Vou falar para você, o Cônego foi uma pessoa, um grande operário aqui, um guerreiro, brigador e tinha vontade que as pessoas aprendessem um pouco da arte dele, por exemplo, aquele espírito que ele tinha de ensinar as pessoas ser alguém na vida, levar a profissão, você está entendendo? Trabalhar, lapidar, fazer as coisas acontecer, ele brigava demais por causa disso, você está entendendo? Isso aí é coisa fora de série mesmo, inclusive, ele buscava recurso para isso, para as pessoas terem aprendizagem melhor. A pessoa que queria trabalhar como pedreiro, ele fazia, a pessoa querer estudar, ele fazia força para a pessoa estudar.

Dona Dorcelina

A construção da igreja do padre, era a comunidade aqui, os que aguentavam ajudar, trabalhar, era os que ajudavam. Eu mesma, pequenininha, carreguei foi muitos tijolinhos. Porque ele me incentivava.

Pe. Alaor

Eu fico também pensando quantas pessoas se beneficiaram do trabalho do Monsenhor Rodolfo: o pessoal que fazia móveis, ele fazia móveis com o seu pessoal, ele fazia trabalho em madeira – eu tenho um pequeno quadro dele – eu fico pensando, hoje, se nós encontrássemos pessoas que, num trabalho voluntário... Lembre-se, o padre Rodolfo não era contratado pelo Estado não, foi convidado pelo Estado e, seguindo orientação de Dom Emmanuel, ele veio para a Colônia Santa Marta, mas com trabalho voluntário. E aquele trabalho voluntário, por causa de Jesus Cristo, por causa do Evangelho, por causa do Reino de Deus. Não é essa a pregação hoje do Papa Francisco?

Importante destacar, segundo os/as entrevistados/as, que Rodolfo Tellmann era de família com situação financeira estável e sempre recorria a recursos financeiros para auxiliar aos que necessitavam.

Dona Íris

O povo dele mandava dinheiro para ele, porque ele escrevia pedindo que tinha muito paciente aqui chorando, que ele não aguentava ver aquilo, então eles mandavam dinheiro para ele. E vi muitas vezes ele ir a pé lá no Novo Mundo [bairro de Goiânia] procurar – naquele tempo não tinha, assim, farmácia igual tem hoje – ele tinha um lugar certo que ele ia para comprar. [...] Aí ele comprava umas caixinhas assim, ó, dessa altura assim, de injeção, uns comprimidos... eu cansei de ver ele fazer isso. Era só o povo aqui... Começava a faltar os remédios que ele fazia isso, ele escrevia para lá e falava para o povo dele mandar o dinheiro para ele comprar remédio para os pacientes.

Dona Dorcelina

Padre Rodolfo era pai de tudo, era irmão de todo mundo. Porque quantas vezes ele pegava o dinheirinho, que a mãe mandava pra ele da Alemanha para cá, ele comprava remédio para os doentes. Pela época, a doença no início ela maltrata muita gente e sem o tratamento ainda era pior. Aí ele saía, atravessava de nado o Meia Ponte [nome do rio que margeava a Colônia Santa Marta], para ir buscar remédio fora, porque o que estava aqui não podia sair.

Zé Moreno

Se você queria uma carroça para trabalhar, falava é pra trabalhar, ele ajeitava. Ele saia aí, encomendava, comprava. No outro dia a pessoa: - “uai, Fulana de Tal, olha eu ganhei, o professor me deu. Rodolfo Tellmann, padre. Eu queria trabalhar...”. - “tá certo, tá certo”. Conversava pouco. Parava pouco. Você está aqui conversando e ele passava rápido, assim. Você falava com ele. Muito ocupado, porque lá ele estava rabiscando a arquitetura, fazendo as coisas direitinho, né. Trabalhando. Então ele te falava para você: - “tá bom, tá bom”. Nunca diz não para a pessoa. Nunca diria. Ele estava aqui para resolver os problemas.

Pe. Alaor

Porque ao voltar, passar um período curto, muito curto com os seus familiares e os seus amigos na Alemanha, ele conseguiu alguns recursos sim, e esses recursos vieram, e graças a esses recursos nós tivemos a construção da capela, nós temos a compra de medicamentos – não tinha medicamento –, a compra de alimentos – faltava alimento –, e ele trazendo esse recurso, ele o administrava para o bem comum da comunidade. É um fato que o mundo precisaria entender. [...] Interessante quando eu vejo Rodolfo vendendo as suas coisas para comprar alimento, coisas pessoais, coisas que ele trouxe da família dele. Eu vejo Rodolfo sofrendo a fome das pessoas porque ele chegou um dia a dizer uma coisa parecida como essa, não me lembro a forma certa, mas ele dizia: - olha, eu tive fome e me deste o que comer, eu estou vendo esse pessoal com fome e não estou tendo o que dar para eles comerem.

Importante destacar que o trabalho humanitário realizado por Rodolfo Tellmann não era reconhecido apenas pelos internos ao leprosário ou mesmo à contexto religioso, mas pela sociedade como um todo, dentre os quais o mundo político.

Em viagem para a Alemanha, em 1957, Rodolfo Tellmann trouxe variados equipamentos e materiais para construção de oficinas no interior da Colônia Santa Marta. Ao chegar no Brasil, os materiais foram alvo de taxaçaõ alfandegária, cujos valores acarretaria inviabilidade financeira. Diante da situação, Rodolfo contou com o auxílio políticos influentes no cenário local e nacional que buscaram apoiar a causa fim dos materiais com isençãõ das

taxações cobradas. Tal solicitação provocou, em 26 de novembro de 1957, a elaboração do Projeto de Lei (PL) n. 3.525/57 (BRASIL, 1957), protocolado na Câmara dos Deputados da República dos Estados Unidos do Brasil, pelo Deputado Fonseca e Silva, contendo a seguinte proposta de caput: “Concede isenção de direitos alfandegários, exceto previdência social, para material destinado a seção artesanal da Colônia Santa Marta, de Goiânia, estado de Goiás”. Enquanto fundamento, o PL apresentou a seguinte justificativa:

O padre Rodolfo Tellman¹⁹ é de longa data o Capelão da Colônia “Santa Marta” cuja vida é dedicada aos leprosos no Estado de Goiás. Nessa Colônia se encontram internados quase 100 menores e êsses menores necessitam receber instrução profissional durante a sua adolescência, porque muitos deles, quando tem alta como curados, ou pelo-menos com a moléstia paralizada, já são jovens e precisam ganhar a sua vida lá fora, sobressaindo o ensino artesanal [sic].

O padre Rodolfo Tellman, que apenas tem o dever de ser Capelão, mas que pelo seu devotamento e por ser um consumado artista, vem ensinando aos meninos internados na Colônia, os ofícios de serralheiro, marceneiro, folheiro e de mecânica, porém, isto o vem fazendo de longo tempo com grande dificuldade pelo número de ferramentas e máquinas adequadas que êle tem para êsse serviço. Agora, indo de férias para a sua terra natal, a Alemanha, falou em igrejas, apelou para os seus patrícios e conseguiu como doação um grande número de ferramentas e máquinas, capazes de ajudá-lo a completar quatro oficinas de artesanato que ele mantém no Leprosário. Por desconhecer a Lei e por julgar que seria mais fácil para o desembaraço na Alfandega, o padre Rodolfo Tellman despachou todo esse material doado aos seus assistidos - as crianças leprosas da Colônia “Santa Marta”, em seu nome pessoal e hoje está com dificuldade de retirar da Alfandega e bem assim sem meios para pagar impostos, assunto controlado pela entidade credenciada que é a federação da Sociedade de Assistência aos Lazáros e Defesa contra a Lepra. Visa, pois, o presente Projeto, não sómente conceder isenção de impostos, taxas aduaneiras, armazenagem e outras

¹⁹ Era comum nos documentos e reportagens a escrita do sobrenome de Rodolfo Tellmann com apenas um “n” e/ou apenas com um “l” (Tellman, Telmann ou Telman).

despesas que porventura vêm sendo feitas pela demora na retirada dêsse material, como também ficar bem claro que essas ferramentas se destinam exclusivamente à obra artesanal que vem sendo realizada em favor dos enfermos da lepra, não sômente das crianças enfermas de lepra de Goiás, mas de várias regiões do Brasil Central e que se encontram internadas no modelar Leprosário "Santa Marta", que dá ampla e perfeita assistência aos doentes alí internados e proporciona ensino adequado aos moços que desse Sanatório saem curados [sic].

O teor do PL foi divulgado no Diário do Congresso Nacional, (BRASIL, 1957, p. 10.077) detalha os materiais solicitados para isenção de taxação alfandegária, sendo eles, 2 caixas, tendo na primeira:

Matérias plásticas artificiais e resinas sintéticas; em blocos, massa pedaços ou placas irregulares, pó ou resíduos, pêso legal 118 ks.

Na segunda caixa:

Serras braçais ou manuais, para carpinteiros, ferreiros, serralheiros e semelhantes, pêso legal 10 ks.

Tesouras para cortar chapas ou de latoeiro, com ou sem molas, pêso legal 110 ks.

Tornos de mão ou de banca, pesando até 1 ks. (oito tornos) pêso legal 13 ks.

Tornos de mão ou de banca, pesando mais de 5 ks. (um torno) pêso legal 12 ks.

Quaisquer ferramentas não classificadas para artes e ofícios manuais: 10 martelos, 2 jogos de chaves de porca, 11 sargentos, e marrêtas, 7 torquesas, 9 brocas, 1 serrote e etc. Pêso legal 92 ks. e 500 gramas.

2 estojos para quaisquer fins de ferro, lisos, simples, pêso legal 6 ks.

1 soldador elétrico com respectiva aparelhagem, pêso até 50 ks. pêso legal 20 ks.

1 máquina de operatriz não classificada conjugada a motor elétrico (1 máquina de lixar) pesando até 10 ks. pêso legal 10 ks.

Trenas ou fitas de medir aço, sôltas ou sem caixas, pêso legal 5 ks.

Limas não especificadas, pesando mais de 1.500 gramas por dúzia, pêso legal 6 ks.

Em 11 de dezembro de 1958, a Comissão de Constituição e Justiça da Câmara dos Deputados, de forma unânime dá parecer favorável ao PL. Em 06 de maio de 1959, o PL tem parecer contrário pela Comissão de Economia com argumento de que tal isenção poderia abrir precedentes. Em 09 de abril de 1959, a proposta é desarquivada e, por fim, em 14 de abril de 1959, recebe deferimento, sendo os materiais devidamente encaminhados para a Colônia Santa Marta, conforme solicitação de Rodolfo Tellmann.

Outro fato de notoriedade do Padre a ser citado se deu por meio da Lei n. 5.366, de 16 de maio de 1978 (GOIÂNIA, 1978), em que a Câmara Municipal de Goiânia “concede o título honorífico, de ‘CIDADÃO GOIANIENSE²⁰’ ao Cônego Rodolfo Telmann, pelos relevantes serviços prestados ao Município de Goiânia” [sic].

A Igreja Católica também reconheceu a importância de Rodolfo Tellmann como um líder religioso exemplar. De acordo com Dom Antônio Ribeiro de Oliveira, quando Dom Fernando, então Arcebispo de Goiânia, foi à Roma (não soube precisar se na década de 1950 ou 1960), solicitou ao papa o título de Monsenhor para Rodolfo Tellmann. Segundo diz:

Dom Antônio

[...] ele queria promovê-lo, dizendo do lado benéfico que os padres tinham na comunidade e na sociedade. E aí ele foi nomeado Monsenhor, Monsenhor Rodolfo Tellmann, e como a gente já tinha o hábito de chamá-lo de padre, dizem que “o uso do cachimbo faz a boca torta”, quase todo mundo o chamava de padre Rodolfo, mas o título dele, canônico, era Monsenhor Rodolfo Tellmann.

Nas palavras ainda de Dom Antônio, a vida de Monsenhor Rodolfo

²⁰ Goianiense refere-se a quem nasce em Goiânia. Para quem nasce no estado de Goiás, denomina-se goiano.

Tellmann era marcada pela ação e simplicidade. Não era comum encontrá-lo em fotografias, em palanques ou em destaque, ele sempre foi uma figura discreta, observadora. O título recebido e as honrarias concedidas se deram pela atenção cuidadosa de todos pelas obras realizadas, pelos resultados alcançados, pela percepção do outro e nunca pela própria fala de Rodolfo.

Dom Antônio

Esse aspecto na vida de Monsenhor Rodolfo é muito interessante, é quase um contraste entre aquele homem modesto que quer só ficar na penumbra e um homem projetado não só com os títulos, mas muito estimado por nós, os seus bispos. A razão é muito simples, é porque ele era verdadeiramente um sacerdote digno, honesto, correto em todas as suas funções e estava em uma função que ninguém queria, ninguém gostaria. Antigamente ainda era pior, achavam difícil trabalhar entre os hansenianos. Então era uma missão difícil, por isso considerada de grande valia para o sacerdote que assumia e ele assumiu essa missão com todo amor, nunca vi o cônego Rodolfo reclamar de nada na Colônia [Santa Marta].

No mesmo diapasão, Pe. Alaor complementa:

Pe. Alaor

Eu o conheci bem de perto. Eu tive a oportunidade de conviver com ele. Porque a minha admiração por ele era muito grande. É assim que eu queria dizer-lhes com muita tranquilidade, o Monsenhor Rodolfo foi uma pessoa que marcou um jeito de ser de igreja. [...] Quando Dom Fernando estava se preparando para o Concílio, duas pessoas ajudaram muito Dom Fernando, uma pessoa foi o Pe. Pereira²¹, que lia todos aqueles autores que escreviam em preparação para o Concílio, e fez sínteses para ele. A outra pessoa foi o Rodolfo. O Rodolfo tentava com Dom Fernando conversar sobre essas coisas e mostrou para ele – isso aqui ele me contou – mostrou para ele que essa igreja de trono, essa igreja que veio com Constantino, essa igreja não é bem a proposta de Jesus Cristo. E aí, Dom Fernando começou a

²¹ José Pereira de Maria, o Padre Pereira. Ex-reitor e chanceler da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO).

prestar mais atenção nele também. Porque ele já era nesse tempo, já era nesse tempo chanceler da Cúria, porque ele era formado em Direito Canônico, então ele era o suporte do bispo ali.

A história de Monsenhor Rodolfo Tellmann na Colônia Santa Marta é marcada pela luta constante por melhores condições de vida dos hansenianos, pela atenção e cuidado aos que lá moravam e ao constante trabalho de formação cidadã e religiosa dos moradores daquele espaço de isolamento social.

Na busca por um todo, e não de tudo, a pesquisa trouxe como desafio a produção de um documentário que pudesse expressar um pouco do que vivenciamos em campo de investigação. Assim, como resultado, produzimos um documentário denominado “Monsenhor Rodolfo Tellmann, o Pai do Leprosos”, um longa-metragem, com duração de 2h15, onde buscamos apresentar um pouco da vida de um religioso na ótica dos que com ele conviveram²².

Dentre os variados depoimentos apresentados a nós, destacamos dois para finalização da presente seção do artigo, sobre o que ficou, na percepção de quem conviveu com o Rodolfo Tellmann.

Dom Antônio

Monsenhor Rodolfo foi sobretudo padre. Padre no sentido de homem a serviço da comunidade por causa da fé. Padre Rodolfo foi um missionário. Deixou sua terra natal para vir trabalhar no Brasil em uma missão bastante espinhosa e muito difícil. Padre Rodolfo, homem de Deus, no sentido de total doação aos hansenianos. Padre, missionário. Padre, grande benfeitor da classe pobre, dos sofredores desse mundo. E, finalmente, padre Rodolfo, homem de Deus que nós vimos na fidelidade até o fim de sua existência. Eu tenho para com ele admiração, é pouco, eu tenho pelo Monsenhor Rodolfo uma verdadeira veneração. Meu amigo, meu companheiro, meu exemplo de vida. Que ele seja verdadeiramente reconhecido e

²² Link de acesso ao documentário na íntegra: <https://drive.google.com/drive/folders/1h3bqnXpzI4F8lrkdXCJm69FpG0EZVyNN?usp=sharing>

reconhecido em todo Estado de Goiás como aquele pioneiro que defendendo os hansenianos, abriu também para o campo da sociedade, novo aspecto de acolhida aos hansenianos.

Zé Moreno

O sentimento foi esse, perdemos o nosso pai, o Pai dos Leprosos, que saiu de tão longe e veio, que de qualquer forma que foi prometido para ele vir para cá, passado, ele vinha. Caminhando de a pé, buscando recurso, sem ponte, sem nada, atravessava o Rio Meia Ponte, às vezes o rio cheio, ele atravessava para pedir conforto lá para o pessoal não passar necessidades, que é uma coisa muito dura, você sabe o que que é, a fome. E ele saía em busca de algo para alimentar essas pessoas. Esse é o Monsenhor Rodolfo Tellmann, esse é o nosso Pai dos Leprosos”.

Considerações Finais

Este artigo visou expor o contexto histórico da hanseníase e o modelo de combate adotado contra a doença, baseado na internação compulsória dos pacientes. Esse modelo era marcado por ser uma política higienista segregacionista e eugênica, cujo isolamento impunha dor, sofrimento e morte aos internados, apesar de os veículos de comunicação governamentais divulgarem a noção de um ambiente humanizado para tratamento.

A política de combate à hanseníase foi dada a partir da estratégia de construções de três estruturas básicas, sendo elas: o leprosário, onde se isolava os doentes; o dispensário, espaço de identificação da doença e controle dos comunicantes; e, o preventório, destinado aos filhos saudáveis de hansenianos.

Em Goiânia, o leprosário Colônia Santa Marta foi estabelecido em 1943, coincidindo com a inauguração da nova capital de Goiás. Pedro Ludovico Teixeira, o Interventor Federal no Estado, considerava o leprosário um emblema político de modernidade, o que fez com que a instituição se tornasse um ponto central de atenção.

A chegada de um líder religioso ao espaço recém-criado foi bem recebida pela comunidade de Goiânia. Com a chegada de Rodolfo Tellmann, em junho de 1943, diversas iniciativas foram empreendidas, indo além do suporte religioso e espiritual. Foram realizadas ações que abrangiam desde a infraestrutura, como a construção de uma estação de energia elétrica, sistemas de água encanada, uma capela, igreja e residências, até iniciativas de capacitação acadêmica e profissional, além de atividades esportivas e culturais.

Rodolfo Tellmann, apesar de ser considerado uma pessoa discreta, teve seu trabalho na Colônia Santa Marta amplamente reconhecido nos âmbitos religioso, político e social. A sociedade goiana o homenageou com o título de "pai dos leprosos", evidenciando o profundo impacto e a importância de suas contribuições para a comunidade.

O presente estudo buscou retomar a importância histórica e social dessa figura emblemática, cuja maior contribuição foi a dedicação integral ao cuidado de uma população extremamente marginalizada e socialmente invisível: os hansenianos.

Ao fazer uma revisão sistemática da literatura, cujo rigor metodológico nos permite afirmar que existem poucos estudos que fazem referência a Rodolfo Tellmann, mencionando sua conexão com o local, com a igreja e com o trabalho social. No entanto, nenhum dos trabalhos identificados o posiciona como sujeito central de estudo ou oferece um aprofundamento detalhado sobre sua história e memória.

Este estudo visa lançar luz sobre a história de uma figura de notável importância para a trajetória dos ex-internos da Colônia Santa Marta, para a Igreja Católica e, de maneira mais ampla, para a história de Goiânia. A atuação do Padre junto à comunidade garante-lhe um lugar de destaque, em reconhecimento ao seu papel essencial na formação da história de vida daqueles que com ele conviveram, bem como na construção social e cultural do estado de

Goiás.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Projeto de Lei n. 3.525, de 26 de novembro de 1957.** Concede isenção de direitos alfandegários, exceto previdência social, para material destinado a seção artesanal da Colônia Santa Marta, de Goiânia, Estado de Goiás. Câmara dos Deputados. República dos Estados Unidos do Brasil, 1957.

COELHO, Maria José H. ROTTA, Vera. **Paredes invisíveis: políticas públicas e hanseníase na Amazônia brasileira.** Brasília, DF: Florianópolis Comunicação, estudo e consultoria, 2013.

CORREIO OFICIAL. **O leprosário de Goiânia – profilaxia necessária – fundação de dispensários em todos os municípios.** AHEGo. Coleção, n. 223, jan.- dez. 1939. Goiânia, 16 ago, 1939.

CURIA METROPOLITANA DE GOIÂNIA. **Monsenhor Rodolfo Tellmann: 50 anos.** Goiânia, 7 de maio de 1983, 14 p.

GOIÂNIA. **Lei n. 5.366, de 16 de maio de 1978. Concedo o título honorífico ao Cônego Rodolfo Telmann.** Gabinete do Prefeito, Prefeitura de Goiânia, 1978. Disponível em: <
https://www.goiania.go.gov.br/html/gabinete_civil/sileg/dados/legis/Livros/li_1_9785340_054341978.pdf>. Acesso em fevereiro 2024.

GOMES, Ana Carolina Damas. **Medicina e Religião no Hospital-Colônia Rovisco Pais.** Dissertação (Mestrado em Antropologia). Departamento de Antropologia. Universidade de Coimbra (PT), 2014.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Ed. Centauto, 2004.

JESUS, I. L. R. et al. **Hanseníase e vulnerabilidade: uma revisão de escopo.** Ciência & Saúde Coletiva, v. 28, n. 1, p. 143–154, jan. 2023.

MEDEIROS, Helena T.; SERRES, Juliane Conceição P.; RIBEIRO, Diego Lemos. **Elementos de religiosidade na exposição do Memorial HCI, a lepra e o discurso da caridade cristã.** Revista Eletrônica Ventilando Acervos, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 58-75, nov. 2020.

MELLAGI, André Gonçalves; MONTEIRO, Yara Nogueira. **O imaginário religioso de pacientes de hanseníase: um estudo comparativo entre ex-internos dos asilos de São Paulo e atuais porta-dores de hanseníase.** História, Ciências, Saúde Manguinhos, Rio de Janeiro, v.16, n.2, abr.-jun. 2009, p.489-504.

MONTEIRO, L. D. *et al.* **Determinantes sociais da hanseníase em um estado hiperendêmico da região Norte do Brasil.** Ver. Saúde Pública. 2017; p. 51-70.

MONTEIRO, Yara Nogueira. **Da maldição divina à exclusão social: um estudo da hanseníase em São Paulo.** Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 1995.

PEGAIANI, K. N. A. *et al.* **Conferências de saúde e a hanseníase: ditos e silenciamentos sobre a doença negligenciada e seus estigmas.** Saúde e Sociedade, v. 32, n. 3, p. e210889pt, 2023.

REVISTA OESTE. **A Organização Modelar da Colônia Santa Marta.** (Edição fac-similar), ano III, n. 14, mar. 1944, p. 554-557.

ROUSSO, Henry. **A memória não é mais o que era.** In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. Usos e abusos da história oral. 3ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2000, p. 93- 102.

SILVA, Leicy Francisca. **Eternos Órfãos da Saúde: medicina, política e construção da lepra em Goiás (1830-1962).** Tese (Doutorado em História). Faculdade de História. Universidade Federal de Goiás, 2013.

SILVA, Leicy Francisca; TEIXEIRA, Ricardo Antonio Gonçalves. **Colônia Santa Marta e a reintegração social dos ex-internos em Goiás.** In: Yara Nogueira Monteiro. (Org.). História da hanseníase no Brasil: silêncios e segregação. 1ed.São Paulo: Intermeios editora - USP, 2019b, v. 1, p. 27-55.

SILVA, Leicy Francisca; TEIXEIRA, Ricardo Antonio Gonçalves. **O “direito à memória”: Escola Eunice Weaver, memória individual e a constituição de um arquivo histórico em Goiás.** História, Ciências, Saúde-Manguinhos, v. 26, n. 3, p. 1039–1049, jul. 2019.